



**AMÉRICA LATINA /** Vitória de Gabriel Boric no Chile anima forças progressistas da região e impulsiona hegemonia ante matizes da direita. Especialistas atribuem as mudanças políticas aos anseios sociais abastecidos pela pandemia da covid-19

# O avanço da esquerda

» RODRIGO CRAVEIRO

Ao se consagrar como o mais jovem presidente eleito da história do Chile, o progressista Gabriel Boric, 35 anos, moveu as peças do tabuleiro político da América Latina e ampliou as expectativas em relação a um domínio da esquerda após o fim de 2022 — ano em que Colômbia e Brasil escolherão seus próximos líderes. Em entrevista ao **Correio**, especialistas em relações internacionais analisaram a configuração do mapa regional e admitiram que a pandemia da covid-19 escancarou a desigualdade e a pobreza, além de expor o fracasso dos governos na gestão da crise sanitária. A eleição de Boric também foi um alerta à ultradireita, que prioriza a agenda neoliberal às questões sociais.

Professor adjunto do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Maurício Santoro explicou que a vitória de Boric teve gosto especial para a esquerda latino-americana, pois o Chile era considerado tradicionalmente como o grande exemplo de sucesso do modelo liberal na região. “Desde 2019, os chilenos têm questionado esse pressuposto, em grandes manifestações de rua e na convocação de uma Assembleia Constituinte inspirada por pautas mais próximas da social-democracia e de um papel mais abrangente para o Estado”, afirmou.

Para Santoro, a esquerda é favorita nas eleições presidenciais de 2022 no Brasil e na Colômbia, cujos primeiros turnos estão marcados, respectivamente, para 2 de outubro e 29 de maio. “Se os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Gustavo Petro vencerem essas disputas, pela primeira vez, presidentes de esquerda governarão todas as cinco maiores economias da América Latina — as outras são México, Argentina e Chile”, lembrou. Petro, ex-guerrilheiro do Movimento 19 de Abril (M-19) e ex-prefeito de Bogotá, é o mais cotado a suceder Iván Duque. Atualmente, a direita está no poder no Brasil, na Colômbia, Paraguai, Uruguai e em alguns países da América Central, como El Salvador.

## Mazelas

O professor da UERJ entende que a pandemia da covid-19 exacerbou vários problemas sociais

Javier Torres/AFP



O ex-líder estudantil Gabriel Boric discursa após anúncio do resultado das eleições, no fim da noite de 19 de dezembro: triunfo sobre o ultradireitista José Antonio Kast

Esteban Collazo/AFP



Alberto Fernández, líder peronista da Argentina, recebe o ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, na Casa Rosada: aliança contra o conservadorismo

## Mapa político da América Latina



na América Latina — entre eles, a pobreza, as desigualdades e a má qualidade dos serviços públicos de educação e saúde. “A fome, ou o medo dela, voltou a fazer parte do cotidiano de boa parte da população. São demandas sociais muito profundas, que representam pressões por maior engajamento do Estado, uma pauta tradicionalmente forte para a esquerda. Os partidos e movimentos dessas correntes políticas têm

se posicionado melhor para responder a esse tipo de reivindicação”, acrescentou Santoro.

Gilberto Aranda Bustamante, professor do Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Chile e doutor em Estudos Latino-Americanos, considera que o mapa político latino-americano está mais fragmentado do que duas décadas atrás. De acordo com ele, a direita comanda cinco países da América do

Sul (Brasil, Colômbia, Equador, Paraguai e Uruguai), enquanto a esquerda governa quatro (Argentina, Bolívia, Peru e Chile — considerando-se a vitória de Boric).

“O triunfo de Boric constitui-se em um ponto de inflexão das esquerdas latino-americanas bastante diversas. De fato, o presidente eleito chileno representa uma nova esquerda, que combina a luta pela igualdade social com a política de identidades excluídas, além de um discurso de corte antiautoritário. Espera-se um aumento de simpatia com os governos dos vizinhos Argentina e Peru”, disse à reportagem. A variedade das esquerdas inclui regimes considerados autoritários, como os de Nicolás Maduro (Venezuela) e Daniel Ortega (Nicarágua), e outros moderados, como os de Alberto Fernández (Argentina) e Pedro Castillo (Peru).

## Resposta

Ao analisar a resposta dos países latino-americanos à pandemia da covid-19, Bustamante acredita que todos os governos tiveram um desempenho ruim e, por isso, sofreram consequências sociais. “Se observarmos as últimas eleições, como as legislativas na Argentina, o governo peronista de Alberto Fernández não se saiu bem em relação à oposição conservadora. Também em 2021, os conservadores assumiram o controle do Equador. Ao mesmo tempo, Estados com governos de direita foram substituídos por forças de esquerda com clara ênfase social para o pós-pandemia. No Chile, ainda que a política de imunização tenha sido rápida e eficaz, o mal-estar social ante o modelo de desenvolvimento econômico e seus déficits sociais explicam a derrota da direita no último domingo”, avaliou.

## Pontos de vista

Arquivo pessoal



Por Mauricio Santoro

## Programa esgotado

“Nos últimos anos, a direita na América Latina apresentou agendas econômicas liberais, voltadas para a redução do papel do Estado na economia e para políticas de austeridade, de cortes de gastos, visando o equilíbrio do Orçamento público. É difícil vender esse programa em meio às urgências sociais na pandemia. Na Europa e nos Estados Unidos, a resposta governamental ao coronavírus tem ido na direção oposta, de grandes pacotes de incentivos econômicos por parte do Estado.”

**Professor adjunto do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)**

Sobre o Brasil, o professor chileno aposta que a forma do governo Jair Bolsonaro de abordar a pandemia e suas sequelas sociais

Arquivo pessoal



Por Gilberto Aranda Bustamante

## Cooperação urgente

“O empobrecimento geral trazido pela pandemia sobre uma região fortemente desigual aponta que os programas eleitorais deverão incluir fortemente um aspecto de redistribuição junto aos segmentos mais carentes. Tal abordagem se aproxima mais das esquerdas, junto ao cuidado com a manutenção do emprego. Os desafios dos próximos anos serão enormes para os governos. A América Latina está mais vulnerável do que um ano atrás, e os políticos terão que atuar de forma cooperativa.”

**Professor do Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Chile e doutor em Estudos Latino-Americanos**

desempenhará papel-chave na decisão da cidadania, em outubro, quando será realizado o primeiro turno das eleições presidenciais.”

## EXPLORAÇÃO ESPACIAL

# Telescópio James Webb inaugura uma nova era

Ao fim de uma espera de três décadas, o mais poderoso e caro telescópio da história, ao custo aproximado de US\$ 10 bilhões, está, finalmente, no espaço. James Webb foi lançado, às 12h20 GMT de ontem (9h20 no horário de Brasília), a bordo do foguete Ariane 5, com a missão de revolucionar a observação do universo e desvendar suas origens. “Boa separação do telescópio Webb, vai Webb”, anunciou Jean-Luc Voyer da base espacial de Kourou, na Guiana Francesa.

Após 27 minutos de voo, a parte superior do foguete lançou o observatório, que, agora, levará um mês para atingir seu ponto em que ficará orbitando o Sol, distante 1,5 milhão de

quilômetros da Terra. De lá, terá o desafio de responder a duas perguntas fundamentais para a humanidade: De onde viemos? Estamos sozinhos no universo?

Segundo seus criadores, a potência do Webb deve lhe permitir observar até a “aurora cósmica”, momento em que as primeiras galáxias começaram a iluminar o universo após o Big Bang, há 13,8 bilhões de anos. Também deve ajudar a entender a formação de estrelas e observar exoplanetas para que os astrônomos descubram mais sobre eles e, eventualmente, possam identificar outros como a Terra no futuro. A exploração mais profunda deve começar em junho.

James Webb seguirá os passos

AFP



Observatório se separa do foguete Ariane 5: missão de desvendar a origem do universo

do telescópio Hubble, um marco na observação espacial. Foi graças a ele que os cientistas descobriram a existência de um buraco negro no centro de todas as

galáxias e de vapor d’água em torno dos exoplanetas.

Concebido pela Nasa após o lançamento do Hubble, em 1990, o observatório começou

a ser construído em 2003. A Nasa desenvolveu o grandioso projeto com a colaboração das agências espaciais europeias ESA e CSA canadense.

Batizado em homenagem ao gerente da Nasa durante os anos das missões Apollo, o telescópio se distingue do antecessor em mais de um aspecto. O tamanho de seu espelho, de 6,5 metros de diâmetro, dá a ele três vezes mais área de superfície e sete vezes mais sensibilidade, o suficiente para detectar o sinal térmico de uma abelha na lua.

Outra diferença é seu modo de observação. Webb se aventura em um comprimento de onda que escapa do olho humano: o infravermelho próximo e médio, uma radiação que emite naturalmente todos os tipos de corpos, de estrelas a humanos ou flores.

Uma condição essencial para o bom funcionamento do James Webb é a temperatura ambiente. Se orbitasse a 600km da Terra como o Hubble, ficaria inutilizável, aquecido pelo Sol. Por isso, fará a viagem a 1,5 milhão de quilômetros do nosso planeta.